

MÁRIO DE ANDRADE, LEITOR DE OSWALD

NITES FERES

Compondo uma fração do acervo da biblioteca particular de Mário de Andrade, livros como *Os Condenados*, *Memórias Sentimentais de João Miramar* e *A Estrêla de Absinto*, em primeira edição e autografados por Oswald de Andrade, ali figuram para delícia dos bibliófilos. Entretanto, o que lhes confere especial valor são as anotações, escritas com a letra cerrada e regular de Mário de Andrade, que cobrem as suas margens e se estendem por fôlhas de papel colecionadas dentro dos volumes.

Os apontamentos tomados pelo escritor no decorrer da leitura de *Os Condenados* (1), e das *Memórias Sentimentais de João Miramar* (2), serviram de base para o artigo que êle intitulou — *Oswaldo de Andrade* (3). Apesar de ter por objeto o aparecimento das *Memórias Sentimentais de João Miramar*, Mário de Andrade lançou mão do romance imediatamente anterior — *Os Condenados* — para, num confronto, atestar a existência de uma incorporação gradual dos princípios da arte moderna.

Ambos os documentos — artigo impresso e conjunto das anotações de leitura — constituem dois tipos de trabalho que, cotejados, denotam os processos peculiares a Mário de Andrade no exercício de sua atividade crítica. Em outras palavras, êsses documentos nos põem diante de diferentes estágios de atividade: o do pensamento em seu estado embrionário, representado pelas notas, e o do pensamento já elaborado, representado pelo artigo em sua forma final.

(1) — s/e (Off. Graphicas Montelro Lobato), s/1 (S. Paulo), s/d.

(2) — s/e (Livraria Editôra «Independencia»), São Paulo, 1924.

(3) — Cf. «Revista do Brasil», vol. XXVI, número 105, ano IX, S. Paulo, setembro de 1924.

As linhas manuscritas em fôlha de papel inserida entre as páginas de *A Estrêla de Absinto* (4), não foram e nem poderiam ter sido aproveitadas pois Oswald de Andrade editou seu romance em 1927, três anos depois da publicação do artigo. A despeito disso, êsses apontamentos não permanecem só no plano ilustrativo do pensamento de Mário de Andrade em seu estado embrionário mas, juntamente com todos os outros, iluminam os interesses de ordem estética que motivaram a escolha dos fatos por eles mesmos comentados. Daí o imperativo de sua divulgação em conjunto.

Dentro dessas perspectivas, o conhecimento da marginália (5) poderá fornecer, por uma ação reflexa, alguns dados para o estabelecimento de distinções fundamentais entre os modos de ser, como artistas criadores, dos dois Andrades: Mário e Oswald.

Foi num tom casual e entre parêntesis que Mário de Andrade marcou a presença da palavra "gare" nas *Memórias Sentimentais de João Miramar*.

"Toda a infância de Miramar é admirável e capítulos como Gatuno de crianças, Perigo das armas, Felicidade, Fraque de ateu, Mudança, Claque, Gare do infinito (essa mania de dizer gare por estação!... Osvaldo quer escrever brasileiro e usa gare que só raro noticiarista ainda emprega) tais capítulos são das melhores páginas do modernismo." (Osvaldo de Andrade, art. cit., p. 29. Grifo nosso.)

Para o leitor desprevenido, a crítica obedeceu à exclusiva preocupação com o uso de uma língua genuinamente brasileira. O que é evidente. Mas ... em *Os Condenados*, pp. 28 e 87, Mário de Andrade já havia notado a palavra "gare"; foi quando escreveu algumas linhas em fôlha de papel guardada dentro do exemplar de sua propriedade. Elas mostram que o tom casual não teria sido tão casual assim. Talvez tenha havido, no comentário impresso, o intento jocoso de "eternizar a gare osvaldiana".

"Gare — No entanto eu afirmo diante da humanidade que jamais Osvaldo diz gare na vida comum. Porém já lhe ouvi algumas vezes dizer que "lá á estação". Mas Osvaldo tem a vaidade das próprias erronias. Nesse sentido é sensítiva. Jamais reconhecerá quando lhe for imputado o êrro em que caiu. Defende-se sempre; e quanto maior o erro mais intensamente se defenderá. Mais tarde ás vezes, sorrateiramente, envergonhado corrige o que pode. Mas

(4) — Editorial Helios Limitada, São Paulo, 1927.

(5) — Sob os auspícios da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e por especial gentileza de D. Maria de Lourdes Andrade Camargo, irmã do escritor, colhemos, na biblioteca de Mário de Andrade, a marginália que estamos divulgando.

isso é raro. Geralmente é de um estoicismo maravilhoso no sustentar as próprias tolices. É o caso de gare. Hade sempre escrever gare, principalmente depois de ler estas linhas. Sou perverso em escreve-las. Eternizo com elas a gare oswaldiana! É muito possível que Oswaldo algum dia tivesse dito gare, quando viajou por Portugal, pois, segundo informação que tive do escritor Antonio Ferro em Portugal só assim é que se diz. Nesse caso Oswaldo estaria tradicionalmente ligado a linda messe dos Dirceu, Gonçalves Dias e outros escritores nacionais que sempre se esmeraram em escrever o portuguez do reino." (6)

Mesmo sob a brincadeira, estão latentes problemas que nortearam grande parte da atividade do escritor: os da distância entre língua falada e língua escrita e aquêles ligados ao uso de uma língua inteiramente nossa.

Outro apontamento, este agora muito sério, separado do anterior apenas por um traço, faz referência às personagens do romance de Oswaldo de Andrade.

"As personagens de Oswaldo são estilizações, deformações mas são realíssimas, como as de Unamuno que dizia das suas 'son reales, realísimos, y con la realidad más íntima, con la que se dan ellos mismos en puro querer ser, o en puro querer no ser, y no con la que le den los lectores'. Novelas Ejemplares pg. 11."

Ficam colocados desde já dois dos interesses centrais do leitor, Mário de Andrade: o da língua brasileira e o da verossimilhança das personagens de ficção. O exame do material subsequente leva ao estabelecimento das outras molas propulsoras da sua atividade crítica, permitindo a composição de um quadro geral. Formam o quadro os valores atribuídos à língua, ao uso expressivo da língua — a linguagem artística ou estilo — e aos vários aspectos relativos à técnica criadora do romance. Esta técnica surge desdobrada nos seus tópicos intermediários: o novo tipo de romance psicológico, a arte de criar personagens coerentes com ele, seguida das questões relacionadas com a estrutura da obra.

Os interesses, assim distribuídos, sintetizam um dado momento da trajetória de Mário de Andrade — o momento da preocupação com a análise especializada e meticulosa da obra literária. Eis porque excluindo qualquer tom de "blague", daqui para a frente será apenas o artista, consciente dos problemas de sua arte, quem estará comentando o texto.

(6) — Em tôdas as transcrições, de linhas manuscritas ou impressas, foi conservada a grafia do texto original.

De acôrdo com a freqüência maior dos apontamentos correspondentes, o estilo — entendido como a linguagem expressiva do artista — ocupa lugar de relevância. Com êsse significado preciso é que o termo foi usado na nota escrita no rodapé da p. 200, epílogo de *Os Condenados*, marcando a oposição língua-linguagem.

"O. de Andrade usa antiteticamente o melhor de todos os estilos e a pior de todas as línguas."

No mesmo volume, a nota da p. 43 estabelece um laço estreito entre o uso da linguagem expressiva e a comoção estética que a obra de arte pode produzir.

Nota:

"Que simplicidade! Que comoção! Jamais em língua nenhuma ninguém tirou tanto efeito do lugar-comum como O. Talvez seja o contraste. Mas esta frase tão vulgar, tão povo, é uma dessas pinceladas maravilhosas que fazem dos "Condenados" uma sucessão de surpresas da mais pura comoção artística."

Texto:

"Tudo isso acontece porque a gente é pobre. Se o velho não fosse pobre, a policia o defenderia com os amigos alvoroçados e os soldados luzidos, cheios de botões."

Sob o título do estilo está incluída uma parte dos apontamentos que se resumem na coleta de dados, processo básico sem o qual Mário de Andrade nada afirma. A pesquisa sistemática documenta a extrema seriedade com que o escritor exercia a crítica, traduzida no enunciado de juízos de tipo eminentemente estético. Por isso, o belo artístico parece ter sido o critério constante, não importando a natureza do objeto comentado.

Entre as páginas das *Memórias Sentimentais* de João Miramar ficou uma fôlha, onde estão dispostas notas e mais notas a propósito de diferentes aspectos do livro. Algumas aparecem riscadas por uma grande cruz em vermelho, sinal comumente usado para indicar que já foram aproveitadas em artigos ou livros. Uma delas ilustrará o tipo enquadrado como coleta de dados.

"Mistura de imagens, recordações confusas e realidade, como expressão: "Roldão num combate espetou com um pau a gengiva do Maneco que era filho da venda da esquina e mamãe botou no

fogo a minha Durindana." 15; Depois, de cima, pensão de artistas, caiam pingos profundos de Chopin na comida 24; O Marta "la cortar a ilha Fiscal porque era um cromo branco mas piratas atracaram-no para carga e descarga 27; esta admiravel frase para contar que a chegada em pleno e franco luto, grifo 43; grifo 61". (7)

De levantamentos assim primários nasceram vários trechos do artigo Osvaldo de Andrade. Do apontamento:

"Porteiras batiam "pás! longinquos por todo o Brasil" 47";

nasceu —

"Um dos fenomenos essenciais do presente é êsse apêgo doentio á expressão. Esse faz de Osvaldo de Andrade um improvisador sem tese. É então legitimo fauve á maneira de Matisse. "Porteiras batiam pás! longinquos por todo o Brasil." (PP. 28/29, art. cit.)

As linhas colocam em evidência a linguagem do autor. Delimitando terreno mais complexo, Mário de Andrade observará, também, a linguagem que Oswald de Andrade coloca na bôca das personagens, transformando-a num recurso de caracterização psicológica. Daí a nota encontrada no mesmo local que as antecedentes:

"O discurso de Minão da Silva 66 é esplendido de verdade. Finanças matrimoniais é outra obra-prima de naturalidade. É pagina perfeita. Si é facil de fotografar? Experimentem e verão. É o verdadeiro mais verdadeiro que a verdade. Discurso analogo 113".

Usada, no artigo, sofreu a seguinte redação:

"O discurso de Minão da Silva, Finanças Matrimoniais, as cartas de Célia, do administrador, de Nair, de Poncio Pilatos, do Pântico, o prefacio e o discurso de Machado Penumbra, que maravilhas de comicidade e exatidão! Facil fotografar assim? Experimentem!

(7) — Grifo 43: «Longo soluço empurrou o corredor conhecido contra o peito magro de tia Gabriella no rythmo de luto que vestia a casa.»

Grifo 61: «Até hontem a ala esquerda dos alliados fazia recuarem quasi que desordenadamente as tropas invasoras numa distancia de 70 kilometros enquanto Joffre Rolah e a ala direita formavam angulo em Verdun com as tropas de leste cobrindo-as assim contra um envolvimento do Darro.»

Ambos os grifos constam das Memórias Sentimentais de João Miramar.

Ainda aqui o autor não copia. Deforma para expressar com maior verdade; e tão habil, com tamanha perfeição, que o artifício e o exagero desaparecem. É como um verdadeiro que fosse mais exato que a verdade." (P. 30, art. cit.)

O verdadeiro, em matéria de arte, viria a ser o verossimilhante. Assim, no caso em particular, êle está entendendo por verdadeiro a adequação da fala ao tipo de personagem.

Finalmente, um julgamento geral:

"A poesia de Oswald — Citar grifo pg 61 Cocteau Secret Professionnel e continuar: Ora o que não falta a O. é o fluido. Esse êle o tem em abundancia caudalosa e dêle estão cheias certas pgs dos Condenados e das Memórias. O que falta é a Arte que subjugua o lirismo e o condiciona em formas sensacionistas, aprensiveis, compreensíveis e dignificadoras. Quando na prosa dos Condenados ainda essa arte subsistia porque O. é excelente prosista verdadeiro artista nesse genero. No verso das Memórias O. claudica e é insuficiente. O verso-livre não tem a sua função ou ritmica ou conteudo de pensamento inteiros. Cabeceia as tontas, bebedo e inexpressivo. Certos processos não são arte e são artifício. Só no verbo crackar, essa feição artistica melhorou. Delicioso na ritmica e muito mais eficaz por isso. Citar os melhores poemas." (8)

O lirismo, característica do estilo de Oswald de Andrade, nas Memórias Sentimentais de João Miramar, aproxima sua prosa da poesia mas em virtude dêsse mesmo traço, o livro deixaria de atingir o nível da melhor arte. A idéia, uma das dominantes do apontamento, vem completada pelo contraste estabelecido entre arte e artifício. Seria o contraste, a pedra de toque para separar a obra cuja fatur obedeceu realmente a determinados princípios estéticos — caso onde o plano da arte seria atingido — daquela que apenas se vestiu com os trajes da moda e cujas inovações ficariam valendo como recursos retóricos. Valorizando a arte em detrimento do artifício, Mário de Andrade fixa os limites para a criação da obra autêntica.

Os aspectos técnicos do romance — personagens e estrutura — ocupam um lugar de superioridade comparado ao do problema da lingua, ainda em virtude da freqüência maior das notas correspondentes.

(8) — Apontamento manuscrito em folha encerrada dentro do volume das Memórias Sentimentais de João Miramar. Para grifo da p. 61, ver nota anterior.

O ângulo sob o qual são vistas as personagens é o da técnica segundo a qual elas vêm apresentadas.

Nota:

"Que pincelada de mestre. É toda a psicologia do literatelho que aí está." (9)

Texto:

"Elle caminhava sobre as ruínas do seu sonho desfeito. Todos os seus gestos eram desencontrados e pediam piedade para o alto. Oh! a idéia fixa de jogar um drama-lhão definitivo — mata-la e matar-se, encher de sangue os jornaes!" (Grifo de Mário de Andrade.)

Ocasões há em que a psicologia das personagens funciona como elemento de unidade estrutural do romance e para elas Mário de Andrade chama a atenção.

Nota:

"Ha uma lacuna entre este capítulo e o antecedente. Não se prevê tão repentina mudança, aliás explicável pela psicologia de Alma, infinitamente mulher — isto é: inexplicável." (10)

Texto:

No capítulo antecedente, Alma espera, humildemente, por Mauro. Neste capítulo, ela tem um encontro com João do Carmo na intimidade do quarto de dormir deste último.

As linhas, encontradas dentro do exemplar de *A Estrêla de Absinto*, partem da análise das personagens para digressões ao redor do tema do herói na literatura de tipo psicológico, digressões essas que se enquadram no campo da teoria literária.

"O defeito principal do livro não é ser um livro de psicologia como nós falavamos no bom tempo de quebrar lanças, principio do modernismo. Psicologia é de todas as épocas e um romance psicologico pode ser perfeitamente atual. Mas nem mesmo o defeito do livro é ser de psicologia passadista como de fato é, coisa ali pelos tempos de Huysmas (sic), Wilde e Gaetano Rapagneta (Gabriele D'Annunzio). O defeito do livro é justamente ser um livro de psicologia e não ter psicologia. A unica figura literariamente

(9) — P. 84 de *Os Condenados*, op. cit.

(10) — P. 78 de *Os Condenados*, op. cit.

(no bom sentido) viva do livro é Alma. Essa é de fato interessantíssima. Porém as outras personagens não se percebem são desinteressantes como o quê. Meu Deus! Como Jorge d'Alvellos é burro! Porém um herói burro pode dar uma obra prima desde a burrice do herói seja o elemento de inspiração da obra. Mas não é o caso de Jorge d'Alvellos, que pela própria realidade da obra é um individuo forte, de valor, inteligente. A gente é que percebe que ele é buríssimo não é o herói que vale literariamente por ser burro. Jorge d'Alvellos que é o herói do livro, a figura principal, é um herói sem tipo, sem caracter, sem nada. Si pelo menos ele fosse típico do herói sem tipo, porém não é não. Não é a personalidade atípica de um herói que O. de A. trabalhou. Jorge d'Alvellos que por tudo o que o romance quis dele dizer, devia de ser um homem superior fatalizado pelo destino, não tem nenhuma reação, nenhum momento espiritual, nenhum movimento psicologico, nenhuma vida intelectual interessante. Pelo prestigio entre os que o rodeiam, pela obra de artista que faz, pela centralização que toma numa tragedia refinadissima com a figura excepcional de Alma que lhe escape da força, do valor, pela natureza aristocratica, um excepcional, tinha necessariamente que ser um homem inteligente. E a gente descobre que ele é uma besta. Esse engano é que desnatura o valor duma obra que afinal, pelo plano infimo em que estão todos os outros personagens, ate (sic) Mauro e Mary Beatriz, se resume a um dialogo de dois personagens Alma e Jorge. Até se pode falar que a (sic) um monologo, Jorge; porque a própria Alma Gladys é uma figura episodica que vive só meio livro, e nesse meio livro em poucos passos mesmo toma primeiro plano psicologico. De formas que a Estrela de Absinto sendo um livro psicologico, essencialmente psicologico, um monologo, no entanto não possui psicologia. E por isso que é ruim. Alma Gladys exceptuada.

* * *

Na psicologia literaria até meos do sec. XIX o herói era um tipo psicologico completo. Era psicologico a priori. Com Bourget principiou o herói que é psicologico a posteriori. Dadas umas tantas premissas, tendo nascido assim, se educado assim e possuindo tais tendencias, como que fulano vai se mexer em tal circunstancia? Essa erra (sic) a interrogação que Bourget se dava. E resolvia o problema. Criou a (Riscado: "uma") de herói interrogativo (Riscado: "afirmativo"), ao passo que dantes o hero (sic) era afirmativo. Com os modernos literatos de psicologia, o herói propria-

mente se acabou. É o herói acumulativo em que se explanam gradativamente, estas, tendências, circunstâncias sem que duma se possa deduzir a seguinte. É o herói polifônico, sincrônico, simultaneísta, Proust principalmente."

Linhas tremendamente importantes não só como crítica interpretativa de um determinado romance mas também como teorização do tipo ideal de arte literária que o modernismo, em geral, e Mário de Andrade, em particular, pretendiam atingir. Ultrapassando os limites do propósito ele deixou, sob as mais variadas formas, abundantes provas do lugar e significado da psicologia como fator essencial do trabalho crítico e da criação artística. Ali está, como evidência da última, o texto de *Amar, Verbo Intransitivo*.

Reforça o fato, a declaração expressa em carta dirigida a Alceu Amoroso Lima, com data de 25-3-28.

"Admiro profundamente Freud (...) De Freud acho que me utilizei sempre que se trate de psicologia. O que reconheço é que a influência de Freud foi muito grande nas especulações do *Amar*, falei disso mesmo no livro, e caçoei um bocado. Caçoar é mais uma autodefesa do que um abandono de veneração." (11)

Mesmo quando não denuncia, expressamente, ter lançado mão de noções da psicanálise, o exame minucioso de alguns textos críticos traz à tona a aplicação inteligente de conceitos formulados por aquela escola de psicologia. No ensaio *Amor e Medo*, estudo interpretativo da obra dos poetas românticos, Mário de Andrade procurou desnudar, a partir de indícios contidos nos próprios poemas, a atitude pessoal, diante do amor, dos poetas Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Varela, Gonçalves Dias e Castro Alves, sem mencionar diretamente a nomenclatura especializada. É possível, entretanto, localizar na biblioteca do escritor um volume, onde ele assinalou certos trechos por conterem, talvez, as idéias que serviram de base teórica para o ensaio. Trata-se do livro de Charles Baudouin, *Psychanalyse de L'Art*, Félix Alcan, Paris, 1929. Na página 6, estão marcadas as noções de "complexos pessoais" e de "complexos primitivos". O cotejo de ambas com o texto de *Amor e Medo* levanta a hipótese de que a obra dos poetas românticos teria sido interpretada com o fito de chegar à determinação destes complexos na pessoa humana dos poetas.

Tal conjunto de circunstâncias esclarece que Mário de Andrade estribava sua atividade em pesquisas sólidas com o objetivo de fugir daquilo

(11) — Cf. 71 Cartas de Mário de Andrade. Coligidas e Anotadas por Lygia Fernandes. Livraria São José, s/1 (Rio), s/d, p. 25.

que criticou, isto é, da obra encarnando uma psicologia passadista ou apenas pretendendo ser de tipo psicológico.

Quanto às personagens de Oswald de Andrade ou, mais precisamente, ao seu processo de caracterizá-las, o leitor foi apontando os momentos passíveis de serem valorizados como os melhores.

Nota:

"A apresentação de Mauro é total. Que síntese! Que intensidade!" (12)

Texto:

"Adunco, metálico, dansava nas celas nocturnas como um deus decahido. E bebia... accentuando o rictus heroico que o marcava, e reforçando a epica suggestão canalha dos olhos pestanudos, que punham desfallecimentos no coração das asyladas dos bordéis."
(Trecho assinalado com traço à margem.)

O comentário foi escrito ao lado do modo direto de caracterização física da personagem masculina — Mauro. Um outro, assinala, na p. 122, a maneira indireta de comunicar o caráter da personagem feminina — Alma.

Nota:

"O caracter complexo, leviano de Alma, nesta primeira fase de existencia, completa-se admiravelmente com estes pormenores todos infantis, pueris, mas extraordinariamente comoventes e expressivos. O. é no rigor da palavra um expressionista."

Texto:

"Trocava-lhe os pannos molhados, continuamente, nas noites calmas. Queria, num descompasso de sacrificios, que elle sujasse sobre ella, inundasse-lhe de pipi a face, a bocca... Que importava? Era o seu reizinho."

Não foi este o único trecho classificado como expressionista. A marginalia da página 35 também insere o respectivo texto na classe daqueles que mereceram o rótulo acima. Nesse texto, a realidade externa vem reformulada no íntimo da personagem e assim é transmitida pelo Autor.

Nota:

"Uma das páginas mais vividas do mundo. Toda subjectiva, dá-nos a mais completa percepção do facto, pelo reflexo dentro de Alma. É dum expressionismo unico: o eu, deformando o ambiente, a vida, pela síntese, pelo subjetivismo, para atingir um plano superior ou realidade. Do que se poderia chamar em arte: a realidade objectiva absoluta."

Texto:

"Elle continuava a andar, a mexer nos moveis alugados ... não iria decerto... Bom! Lindo! Em meio das lagrimas, um irreprimivel sorriso confessou-se... Cão! Mesmo assim, queria-o tanto!

Ia sahir, ia sim, deixal-a... Andava no tom decidido dos sapatos americanos... ia... Uma calma de novo na casa sonora... um arrastar de cadeira... ia... um arrepio...

Não ia... estava se demorando... que fosse! Não... se tivesse escutado!

Calma de novo... Ia... presentiu que ia mesmo... Esticou-se toda de bruços, querendo alongar-se como uma cobra até a rua... Tapou os ouvidos depressa e escutou perfeitamente, implacavelmente, o barulho da porta fechando-se." (Trecho assinalado com traço à margem.)

As notas que visam apreender certos dados importantes para a análise da estrutura do romance, incidem, do mesmo modo, sobre o que foi julgado melhor.

Nota:

"Dá impressão dos quadros simultaneistas de Severini." (p. 39, *Memórias Sentimentais de João Miramar*, ed. cit.)

Texto:

"Mas a calçada rodante de Pigalle levou-me sozinho por tapetes de luzes e de vozes ao mata-bicho decotado de um dancing com grogs setinadas pernas na mistura de corpos e de globos e de gaitas com tambores." (Trecho assinalado com traço à margem.)

"Que admiráveis scenas de interior. A sensualidade e a ternura são os quadros de Oswaldo. E Rubens e os pequenos mestres holandeses." (p. 126, *Os Condenados*, ed. cit.)

"Oswaldo dá a percepção directa, visual das scenas. Faz viver á gente o que descreve. No fundo é poeta e realista." (p. 145, *Os Condenados*, op. cit.)

"Como é admiravel esta repetição. Oswald substitui a analyse pelo facto. Daí uma força de expressão inedita, maravilhosa." (p. 168, *Os Condenados*, op. cit.)

Atomizando a estrutura, Mário de Andrade avalia quadros e cenas para, depois, julgar a seqüência narrativa. O lado plástico é o que, primordialmente, fere a sensibilidade do leitor, daí as comparações com a arte pictórica.

A marginalia da página 145 aparentemente entra em choque com o rótulo de expressionismo atribuído a Oswald de Andrade em diferentes ocasiões. Entretanto, a forma parcelada que é, por definição, a do apontamento, permite outra inferência. Mário assinalou, ao mesmo tempo, instantes em que o romancista atinge o expressionismo e instantes em que é apenas realista.

Quando Mário de Andrade trata de minúcias como o uso inadequado de expressões e a repetição de palavras, é porque elas prejudicam a beleza do texto. Em *Os Condenados*, página 15, coloca um ponto de interrogação diante de "guindado", que surge neste período:

"...mostrando ao espelho do seu quarto guindado os alvos seios..."

Ou então, na mesma obra, página 159, grifa "cidadina", cuja nota correspondente é:

"Sumia como um rato arisco. Estava aqui, alli, desaparecia. Iam encontra-lo trepado no caixote de sabão da cozinha ou afogando, no banheiro vazio, a desgrenhada Neca Caleluda.

Na sala, D. Genoveva, de olhos, ria, pedalando a machina de costura."

Mário de Andrade assinalou as páginas 143, 144 e parte da 145. Tratam da descrição de uma cena de cabaré.

Depois de narrar a morte do filhinho de Alma, Oswald de Andrade repete o texto da p. 126, onde descreve as travessuras da criança. Com êle, substitui a análise directa dos sofrimentos de Alma.

"há cidadinas aos milhões".

As correções não foram desdenhadas e, algumas vezes, exercidas mesmo com excessivo rigor. Encontrando "deflorado", à página 37 de *Os Condenados*, sugeriu: "ou desflorar?".

Nas *Memórias Sentimentais de João Miramar*, página 43, Oswald de Andrade caracteriza a prima Célla:

"... A laparatomia da adolescência cortara-lhe rentes bochechas com protheses minúsculas de seios e maneiras de caça presa com cachos."

Grifando "caça", Mário propõe uma alternativa, possivelmente, mais adequada à idéia: "cassa?".

Tudo o que veio referido como minúcias, introduz, em última análise, o problema da língua. Dentro dêle surgirá, claramente, o interesse orientador das notas — a exigência de uma língua nacional.

Ao lado de "reclamo", grifada à página 53 de *Os Condenados*, está:

"Quem diz reclamo poderia dizer muitas outras cousas portuguesas! Contrastes!"

Quando escreve sobre Luquinhas, página 126 do mesmo romance, o escritor usou o verbo "constatar", comentado, com humor, por Mário de Andrade:

"Tão pequenino e já francelho!"

De particularidades passamos para sínteses quando trocamos *Os Condenados* pelas *Memórias Sentimentais de João Miramar*. Na já mencionada folha manuscrita, que está entre as páginas dêste último, as características gerais da língua escrita de Oswald de Andrade estão registradas.

"Com a língua de O. se utiliza não ha como censurar-lhe defeitos. O. resolveu muito bem e com o melhor bom humor do mundo o problema de não errar seu português e não inça-lo de galicismos e barbarismos de toda a casta, como nos *Condenados*. Justificou todos os erros — (A esta altura, Mário de Andrade acrescentou: "com o Glossário Brasilco 82") — e fez dêles meios de expressão. Não se sabe mais o que é vocabulario e o que provem do não-saber. É o livro uma das mais curiosas tentativas de expressão da epoca modernista. Como expressar melhor a confusão dos bastidores? "Mangas de camisas e bombeiros com pe-

daços de florestas impressionistas rolavam ordens do céu como de praias verticais" 25."

O último período é uma transcrição do texto da obra de Oswald, seguida do número da página onde pode ser encontrada. Depois desta nota, separada por um traço, outra continua a mesma ordem de idéias:

"linguagem afinal impossível. Não é uma solução nem uma construção. Destruição cheia de inalterável bom humor mais nada. Enfim cansa. É livro cansativo. Leem-se (Palavra ilegível) e é preciso coisa mais natural e substanciosa."

Não deixa de ter importância o paralelo dos dois trechos com uma parte da carta, dirigida, ainda, a Alceu Amoroso Lima:

"... não compreendo como você (...) me chama de "primitivo" no sentido da orientação que Osvaldo de Andrade deu para essa palavra. Por acaso algum dia eu ataquei a cultura? Pois meus livros todos não são fenômenos e influências justamente da cultura? Quando eu principiei errando meu português não anunciei imediatamente que estava fazendo uma gramática de brasileiro, anúncio com o qual eu tinha apenas a intenção de mostrar que não estava fazendo uma coisa de improviso porém era coisa pensada e sistematizada? Pois então não se percebe que entre o meu erro de português e o do Osvaldo vai uma diferença da terra à lua, ele tirando do erro um efeito cômico e eu fazendo dele uma coisa séria e organizada?" (13)

As notas manuscritas documentam a observação que Mário de Andrade faz ao crítico, mostrando mesmo que ela teve como fundamento juízos de fato e não simples impressões ou preconceitos.

Tôdas as anotações sugerem que duas sensibilidades diferentes — Oswald e Mário de Andrade — estiveram se defrontando.

A primeira, Oswald de Andrade, aparece como aquela que germinou naturalmente dentro do clima das novas tendências literárias de seu momento histórico.

A segunda, Mário de Andrade, surge como aquela que, penetrada pelo intelecto, exigiu a prévia tomada de consciência dos princípios teóricos do novo espírito do tempo para, somente depois, passar à atividade criadora.

(13) — Carta datada de 23-12-1927. Cf. 71 Cartas de Mário de Andrade, op. cit., pp. 21 e 22.

Os fatos ilustram amplamente não ter o pesquisador se separado do artista. Quando a literatura moderna, de tipo psicológico, reclamou uma concepção do herói romanesco diversa da tradicional, Mário de Andrade, coerentemente, reclamou de si o conhecimento da recente escola de psicologia: a psicanálise.

Esse aspecto — o da ação conjunta sensibilidade e inteligência — seria um dentre os muitos que imprimiram à obra do escritor a sua força renovadora.

Considerando o caminho percorrido por Mário de Andrade, a década de 20 — época em que foram escritos os apontamentos — teria sofrido a marca da ênfase dada à consciência dos problemas técnicos da criação literária. Daí os juízos estéticos serem o resultado obrigatório da atividade crítica e a humanidade da arte se traduzir na valorização da beleza.

